

## Recensão Crítica

### *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica? Denise Alvarez*

Jussara Brito

jussara@ensp.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

Av. Brasil 4365 Manguinhos

21045-900 - Rio de Janeiro

Referência do livro: Alvarez, D. (2004). *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?* Rio de Janeiro: Myrrha.

Este livro é um convite à entrada no mundo dos físicos e professores universitários. É um ótimo exemplo de análise do trabalho feita a partir do ponto de vista da atividade, seguindo a perspectiva ergológica (Schwartz, 1997, 2000, 2003). A pesquisa que dá origem ao livro pretendeu dar visibilidade à “produção docente”, ou seja, aos diferentes processos que existem no trabalho docente, científico e nas chamadas atividades de extensão desenvolvidas no Instituto de Física (IF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Buscou, com isso, trazer elementos para discussão dos critérios de avaliação vigentes. Apesar de estar baseado na pesquisa de doutoramento da autora, o livro é atualizado com novas reflexões sobre o tema tratado e modificações feitas no texto original. A publicação ganha um prefácio de Yves Schwartz, que chama a atenção de que pouco se inquiriu a respeito do trabalho dos pesquisadores e professores universitários, e tem como anexo um texto sobre o referencial teórico e metodológico adotado. A introdução da obra condensa de forma exemplar as questões que são posteriormente tratadas detalhadamente nos capítulos que se seguem.

A análise resulta de uma investigação cuidadosa realizada no Instituto de Física da UFRJ, envolvendo um rico trabalho de campo, com observações da atividade de trabalho de três grupos de pesquisa e de diálogos com funcionários, técnicos, professores, estudantes e diretores. O campo empírico escolhido não poderia ser melhor: a área de ciência básica vem servindo de parâmetro para a definição de critérios de avaliação da produção docente e a UFRJ é uma das principais instituições de pesquisa do país, particularmente em Física. A análise é ainda balizada pelo quadro internacional, sendo enriquecida com materiais levantados em laboratórios de Física de instituições públicas da França (Marselha e Paris) e da Suíça (Genebra): Unité de Formation et Recherche des Sciences de la Matière, Laboratoire des Ondes Acoustiques de l'École de Physique et de Chimie Industrielles (EPCI) e Centre Européen pour la Recherche Nucléaire ou European Laboratory for Particle Physics/Laboratoire Européen pour la Physique des Particules (CERN).

No primeiro capítulo do livro – **Fio por fio na Física** – é feita uma descrição minuciosa do IF desde sua criação, sendo destacado que seu objetivo, desde 1970, é ser um centro de pesquisas de alto nível em diversas áreas teóricas e experimentais da física.

É apresentada a estrutura do Instituto: os quatro departamentos que o compõem, as cinco áreas de concentração, as formas de financiamento. Através deste capítulo toma-se conhecimento das mudanças que estavam em curso no momento da pesquisa, qualificadas como uma “inflexão para uma permeabilidade da lógica de mercado no ambiente acadêmico”. Transição que estava envolvendo a criação de um Conselho Científico, que teria a função de definir a política científica do Instituto, e a criação de uma Comissão de Avaliação, que deveria seguir os padrões estipulados pelos comitês assessores do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), organismo brasileiro de apoio à pesquisa. Uma das modalidades de apoio do CNPq, as “bolsas de produtividade”, tem servido de parâmetro para apreciação do status científico do pesquisador. No caso do IF, os referidos conselhos se orientam por esse sistema do CNPq, gerando, em contrapartida, a preocupação da comunidade pela diminuição de espaços de discussão democrática para as tomadas de decisão e para a definição dos critérios de avaliação. Informando-nos que essa comunidade é composta de 120 professores e 80 funcionários técnico-administrativos, o capítulo prossegue com dados sobre os cursos que lá são oferecidos (na graduação, bacharelado e licenciatura em física; na pós-graduação, mestrado e doutorado), a organização das disciplinas e a infra-estrutura do IF (os laboratórios, os recursos computacionais, o acervo bibliográfico). A última parte do capítulo é dedicada à apresentação dos três grupos de pesquisa focados: o Grupo de Óptica dos Sólidos, o Grupo de Óptica Quântica e o grupo vinculado à área de extensão do IF, que se caracteriza pelo desenvolvimento de atividades de divulgação científica, de atualização profissional de professores de 2º grau e de manutenção, coordenação e administração do laboratório didático. Através desta apresentação se conhece os componentes dos grupos, as formas de financiamento, os materiais e equipamentos utilizados e os processos de trabalho.

O primeiro capítulo pode ser considerado como a compilação dos dados coletados no primeiro momento de aproximação da atividade de trabalho desses físicos, com ênfase nos três grupos. A descrição abrange elementos de diversas naturezas que atuam na pré-definição da atividade de trabalho deles, permitindo uma boa visualização das características gerais do IF e do

Denise Alvarez

Jussara Brito

contexto em que é desenvolvida. Entretanto, essa descrição parece não ter sido considerada suficiente para dar prosseguimento à análise, levando Denise Alvarez a identificar um outro elemento de predeterminação da atividade, associado à história da universidade pública brasileira. Esse elemento é tratado no capítulo seguinte: **Ensino, pesquisa e extensão: valor ‘sem dimensão’**. Para isso ela recorre à noção de norma antecedente (Schwartz, 2000), que são construções históricas e indicam valores, mas também abarcam os meios concretos de prescrição das tarefas.

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como função da universidade, foi identificado pela autora como uma norma antecedente fundamental do trabalho dos pesquisadores/professores universitários. Considerado como a base que sustenta o sistema de funcionamento complexo onde se dá a produção acadêmica: ‘é o “cimento que não é concreto” formado de matérias heterogêneas que são o fundamento do pensamento científico’. Assim, são abordados, no segundo capítulo, fatos que precederam a inserção deste princípio na legislação, com ênfase para o amplo debate ocorrido em diversas instâncias da sociedade. Utilizando de maneira bastante feliz a obra de Schwartz (1988, 1997, 2000), a autora mostra que a universidade é o local onde se exercita o dimensionamento de um bem comum, a educação e o direito ao saber. Procura evidenciar que esse dimensionamento não é simples, pois envolve questões complexas, conflitos, acordos políticos, jogos de força e embates de concepções sobre o papel da universidade. Para melhor sustentar sua tese, faz uma reconstrução dos modelos seguidos pelas universidades brasileiras e da América Latina, assim como dos momentos que marcaram a história do ensino superior no país. Observa que os limites entre ensino, pesquisa e extensão são tênues e que há sempre uma alternância entre eles. Sobre essa questão Schwartz, no prefácio do livro (p. 15) comenta o seguinte: “é, nesse sentido, cremos, que a autora explica que o princípio da indissociabilidade é, de um lado, uma norma antecedente à prática do ofício, uma vez que ele figura nos textos oficiais que a enquadram; e, ao mesmo tempo, um ‘valor sem dimensão’, já que, ao dedicar mais tempo ao ensino que à pesquisa, e ao usar de si mesmo e de suas competências nas atividades de extensão, que supõem uma atenção e uma disponibilidade para as aspirações, as carências e as potencialidades do público interessado, ele se determina em função deste valor de bem comum, com o risco de desvirtuar o conteúdo de seu ofício e enfraquecer sua posição em relação aos critérios quantitativos e competitivos que privilegiam uma só dimensão deste último”.

Somente a partir da identificação dessa norma antecedente, o princípio da indissociabilidade, que a análise tem continuidade, visando compreender as reorientações (os ajustes, as recriações, as invenções, as adaptações) que são efetuadas nas situações reais de trabalho. É nesse momento que a autora, dando início ao terceiro capítulo do livro, procura responder às perguntas: **Que trabalho é esse? O que é a “produção acadêmica”?** Coerente com a perspectiva adotada a autora avança na análise através de um caminho bem original, introduzindo a idéia do espaço tripolar, desenvolvido por Schwartz (2000, 2003). Esse

espaço refere-se à tensão permanente entre lógicas distintas que dinamizam a história, esquematicamente representadas por três pólos: o pólo da atividade, o pólo mercantil e o pólo do político. O primeiro é o das gestões no e do trabalho, o segundo é orientado por valores quantitativos, mensuráveis e mercantis e o terceiro por valores ‘sem dimensão’ (a saúde, a segurança, a educação, a cultura, a liberdade). A interação entre esses três pólos está, evidentemente, também presente na produção acadêmica. O princípio da indissociabilidade refere-se a valores ‘sem dimensão’, relativo ao pólo do político, mas a produção acadêmica é também determinada pelo pólo do mercado e pelo pólo da atividade, com suas diferentes e discordantes temporalidades. Para a autora, a produção acadêmica apresenta ainda uma outra temporalidade, que é relativa ao tempo de geração da idéia: “parece-nos que a atividade de produção científica solicita a coexistência com esse tempo que é vivido concomitantemente como *potência positiva*, como *ansiedade* e como *frustração* pelos pesquisadores” (p. 134).

O caminho metodológico seguido por Denise Alvarez mostrou-se bastante fértil porque permitiu vários encadeamentos. Atenta à atividade dos físicos vinculados aos grupos selecionados, observa como lidam com as temporalidades, sempre conflitantes. Assinala que a disponibilidade para surgimento do novo, temporalidade própria do fazer científico, é entrecortada pelas variabilidades inerentes às condições de trabalho. Segue apontando outros elementos que constituem a opacidade da dimensão ergológica do trabalho científico: os trabalhos administrativos ‘não visíveis’, o trabalho ‘não visível’ das tarefas de ensino, um sentimento de não reconhecimento do próprio trabalho e a incompatibilidade entre as exigências de sigilo na divulgação de resultados de pesquisas e as exigências de publicação das agências de fomento à pesquisa. Capítulo instigante, que aponta uma possibilidade de aproximação inovadora às atividades de serviço e vinculadas aos valores ‘sem dimensão’.

O rico material levantado no estudo permite a compreensão da multiplicidade de fazeres que envolve a atividade do pesquisador-professor-físico. Consegue-se perceber com clareza os diferentes constrangimentos aos quais estão submetidos os físicos, desde a falta de verbas, à lentidão administrativa para a compra de material, aos problemas de infra-estrutura, às mudanças de políticas de financiamento etc. A complexidade da “produção acadêmica” é também visualizada pela caracterização da organização do trabalho, que é bastante singular. A hierarquia acadêmica, por exemplo, quase se dilui em determinados momentos de intensa troca de idéias. A ausência de posto fixo de trabalho e de jornada formal de trabalho é também apresentada como característica desse processo de trabalho. A margem de autonomia que os pesquisadores/professores tem no planejamento de suas atividades é outro elemento sinalizado pela autora, inclusive pelo fato de ser citada como fonte de prazer e, simultaneamente, de ansiedade. O capítulo três é encerrado com uma análise sobre os modos de funcionamento dos três grupos de pesquisa selecionados, dois deles pertencentes ao ramo conhecido como de Física experimental e um deles, o Grupo de Óptica Quântica, como de Física Teórica. Trata da divisão do trabalho no interior desses grupos e mostra que o Grupo

de Óptica Quântica apresenta também uma face experimental que se dá através de um processo de produção em rede, que dá suporte às colaborações internacionais. Constatamos assim que há dois tipos de coletivos: um coletivo singular formado pelas pessoas de cada grupo e um coletivo ampliado que engloba aquelas que participam dos projetos e da redação de artigos conjuntos, às vezes com pesquisadores de várias partes do mundo, por meio da produção em rede. Destaca ainda que a atividade de trabalho dos físicos, especialmente na Física teórica, é marcada pela velocidade de circulação de informações, o que significa ter condições de acompanhar na mesma velocidade toda publicação da área. A densidade dos dados apresentados nesse capítulo, bem como análise cuidadosa que é feita dos materiais, torna esse o “coração” do livro. Após sua leitura não resta nenhuma dúvida de que o trabalho docente universitário e, de forma mais geral, o trabalho humano é de fato uma atividade enigmática.

Ao examinar atentamente o cotidiano dos grupos de pesquisa, a autora nos apresenta as agruras e delícias deste tipo de fazer humano e fornece subsídios para um debate da atualidade: a questão dos critérios de avaliação da “produção científica”. Este é o objeto do capítulo final do livro. Seu título é sugestivo: **Avaliação acadêmica: onde está a atividade?** Denise Alvarez enfatiza aqui o que já havia indicado anteriormente, isto é, os sistemas de avaliação acadêmica subdimensionam a complexidade do pólo da atividade/ergológico. Pólo das diferenças e singularidades, do compromisso problemático entre as normas antecedentes e as renormatizações, pólo dos ajustamentos aos tempos profissionais e internos, de transmissão de aprendizagem e valores, pólo da mobilização do corpo-si (Schwartz, 2000). A argumentação da autora é sustentada, primeiramente, em uma revisão bibliográfica sobre os aspectos que caracterizam o setor de serviços, colocando a noção de eficácia em discussão. Apóia-se também numa descrição dos vários sistemas de avaliação da produção acadêmica em funcionamento, ou seja, os diferentes instrumentos -“tamborins e pandeiros” - que são acionados pelos diversos órgãos, internos e externos à universidade.

Após propor uma avaliação do desempenho das instituições educacionais e dos professores/pesquisadores através de uma abordagem clínica, de modo que se possa considerar as singularidades, discute os limites dos critérios quantitativos de avaliação de desempenho em curso. Como diz a autora, cuja prática como docente e pesquisadora do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense propicia uma compreensão refinada do tema em análise – “pensamento não é dinheiro”. Esta afirmação contrasta com a atual valorização da lógica financeira de mercado presente nos critérios atuais de avaliação (que se pretendem quantitativos, objetivos e baseados em resultados visíveis, especialmente publicações em revista indexadas). Critérios que não incorporam adequadamente um olhar sobre as “dramáticas de uso de si” (Schwartz, 2000), ou seja, as escolhas e o debate de normas presentes no cotidiano. Os sistemas vigentes deixam claramente um número expressivo de “resíduos” da atividade não registrados (por exemplo, os trabalhos administrativos, os contatos

com os alunos fora da sala de aula), pois não consideram os processos de trabalho efetivamente realizados, mas apenas alguns de seus resultados.

Enfim, esta obra permite a troca de idéias sobre o trabalho acadêmico, proposta pela autora, entre os diversos parceiros desse universo, contribuindo para responder a uma de suas questões: qual é o projeto político-social para a universidade pública brasileira? Sua leitura certamente é de interesse de todos: dos integrantes de grupos de pesquisa, dos sindicatos e associações profissionais, das agências de fomento à pesquisa, dos diferentes órgãos ligados à educação e ao desenvolvimento científico e tecnológico, entre outros. Leva-nos também a refletir sobre a questão dos modos de avaliação da qualidade dos serviços, em geral, e o atendimento de objetivos do trabalho do professor, do médico, do pesquisador, ou seja, das atividades que lidam com os valores ‘sem dimensão’ (Schwartz, 1997, 2000, 2003). Será lida também com prazer, mais amplamente, por aqueles que se interessam pelo trabalho humano como potência da vida.

## Referências Bibliográficas

- Schwartz, Y. (1988). *Éxperience et connaissance du travail*. Paris: Messidor
- Schwartz, Y. (dir.) (1997). *Reconnaissances du travail, pour um approche ergologique*. Paris: PUF
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou um métier de philosophe*. Toulouse: Octarès
- Schwartz, Y. (2003). *Travail et Ergologie: entretiens sur l'activité humaine*. Toulouse: Octarès

## Como referenciar este artigo?

Brito, J. (2006). Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica? Denise Alvarez (Recensão crítica). *Laboreal*, 2, (1), 52-54.

<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU5471122651655:7621>